

Se algum vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

# A REFORMA

Não creaes a todo o espirito, mas provae se os espiritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas têm vindo ao mundo.

1.º S. João. iv, 1.

Prégai o Evangelho a toda a creatura.  
S. MAR. XVI, 15

## FOLHA EVANGELICA

IV ANNO

PORTO, 7 DE OUTUBRO DE 1880

NUMERO 5

### OS FILHOS DE LOYOLA

Retiramos o nosso artigo destinado a esta secção para darmos logar a este que nos foi enviado de Melgaço por um distincto cavalheiro:

«A sombra funesta dos negros filhos de Ignacio Loyola, ha pouco expulsos de França, começa a fazer-se sentir na Peninsula, para onde vieram assentar seus arraiaes.

Dous factos, qual d'elles mais significativo, são a demonstração do que dizemos.

Na noute de 1 para 2 d'agosto ultimo, no cemiterio de Vigo, foi barbara e estupidamente assassinado Richard Seymour, cabo d'infanteria de marinha, da esquadra ingleza.

Os negros e feroses roupétas fizeram espalhar que o assassinio fóra commettido pelos proprios camaradas do assassinado; porém, pelas averiguações, a que se procedeu, soube-se que os assassinos foram trez estupidos e fanaticos labregos, embuidos nas doutrinas de Loyola, aos quaes os dignos filhos d'aquelle *santinho* insuflaram o horror aos protestantes, e a quem talvez ensinavam as theorias e a pratica do infame Carlos IX, segundo as quaes, é uma virtude, aos olhos dos filhos das trevas, o morticínio dos anti-papistas.

Não é ainda facto incontroverso se o inglez assassinado era protestante ou catholico; mas, como os estupidos labregos olham como protestantes todos os inglezes, ignorando que entre elles ha muitos catholicos-romanos — ainda que catholico fósse, o pobre Seymour pagou com a vida a ignorancia brutal dos trez aldeões fanaticos.

Outro facto, tão ascoroso como revoltante, é o que está acontecendo em Christóval, freguezia do concelho de Melgaço, na raia d'Hespanha.

Uma rapariga, talvez levada por algum roupéta á voragem da deshonra, traz alarmados aquelles povos fanaticos e ignorantes. Praguejando — (diz a lenda dos roupétas) — disse «que o diabo a levasse.» E eis que surge o diabo a puxar por ella, e ella a gritar que a deixasse! E entre aquelles cegos da intelligencia ha quem affirme tel-a visto elevar-se mais d'um metro a cima do sólo, emquanto uns padres a agarravam pelos pés, para que Satanaz não fugisse com ella para as profundas... da ignorancia e da estupidéz brutal!

Expulsos de França, onde arranjaram os milagrinhos de La Sallet — da Rosette Tamisier — e de Lourdes, os *santinhos* começam a manobrar em Hespanha e Portugal, para onde vieram installar-se. Parece que estamos voltando aos tempos d'*El-Rei Nosso Senhor* e do *Archanjo Miguel 1.º* — em que se propagavam os milagres da Senhora do Buraco, e outros semelhantes, — em que os liberaes, no leito da agonia, eram ameaçados de serem arrebatados pelo diabo, e em que, com effeito, se fingia que o diabo descia a empolgal-os, logo que exhalavam o derradeiro alento; tendo, n'essa época, entre muitos factos d'egual jaez, acontecido um, (na cidade do Porto) que, em rapido esboço, vamos expôr aos leitores d'esta folha:

Agonisava um liberal, e um padre seu visinho, amigo dedicado d'*El-Rei Nosso Senhor*, e servo fiel do *Santo Padre*, prophetizou que, depois d'enterrado, viria o diabo a empolgal-o. Morto o homem, enterraram-no no adro da igreja parochial, recusando-se-lhe a sepultura dentro da igreja (por causa do que tinha dito o padre), apesar de ser um homem abastado.

Ao amortalhal-o, puzeram-lhe os parentes, entre outros objectos de valor, uma condecoração cravejada de diamantes. Pela meia noute, appareceu no adro um phantasma, de capacete na cabeça, cheio de luzes, e começa a cavar na sepultura do infeliz liberal. Era o diabo. Mas um parente do morto, que cria, e muito bem, que os verdadeiros diabos são os jesuitas e os fanaticos, julgando que o diabo, longe de querer empolgar o cadaver, queria antes empolgar a condecoração de diamantes, fez fogo sobre o phantasma, que rolou pelo sólo.

Na manhã seguinte, quando o sachristão ia abrir a igreja, viu o phantasma morto sobre a sepultura do liberal, enterrado na vespera. Tinha uma enchada junto de si, e uma balla d'onça passara-lhe pelo craneo. Achava-se grotescamente vestido; e reconhecido o cadaver viu-se que era o do padre, que tinha predicto a descida do diabo para empolgar o liberal.

Ora, os liberaes de 34 expulsaram os diabos do paiz e dos outros, a que chamavam conventos; mas os liberalões d'agora estão consentindo que se propaguem os *diabos*, não só os do paiz, mas os estrangeiros, expulsos por um governo tão sabio e previdente como o de 1834.

Ainda ha pouco, em Cuenca (Hespanha) aconteceu outro facto, que, entre outros jornaes do paiz, foi re-



latado pela *Revolução de Setembro* e pelo *Commercio do Porto*.

Um homem illustrado, mas rico proprietario, á hora da morte, foi procurado pelo seu parochio, homem tão estúpido como immoral e devasso, para o ouvir de confissão. Despediu-se bruscamente, sem obter o que pretendia, o parochio jurou que o diabo viria buscar aquelle *hereje*, logo que elle fallêcesse.

Com effeito, tendo fallecido, tractaram de o vestir e metter no caixão, em que devia ser conduzido á sepultura, achando-se reunidos, em volta do cadaver, os parentes, amigos e visinhos.

Eis que entra o diabo, tresandando a enxofre, com um vestido grotesco, grandes pontas na cabeça e uma forqueta na mão (porque de forcas e forquetas sempre foram muito amigos os *servos feis* da igreja papicola. As beatas desmaiaram e houve grande reboliço ao apparecer o estranho personagem.

Um criado, que andava fechando as gavetas e pondo em guarda os objectos de valor, ouvindo barulho e julgando que era algum assalto de ladrões, como os costuma haver em Hespanha, arma-se de revolver e acóde á sala onde o cadaver estava depositado. Animoso, e crendo tambem que o verdadeiro diabo é o fanatismo, fez fogo, á queima roupa, sobre o pertendido Satanaz, que cahiu banhado em sangue, com umas poucas de ballas no corpo. Chamada a justiça, viu-se que o supposto diabo era o sachristão da parochia, que, ensaiado pelo parochio, pagava com a vida a sua temeridade.

Ora, este factio e os outros, que temos relatado, demonstram evidentemente que os liberalões d'agora, por isdesculpavel desleixo, ou porque o fanatismo se lhes vai tambem introduzindo nos toutiços, pouco a pouco, nos vão deixando voltar aos tempos d'*El-Rei Nosso Senhor — ou do Archanjo Miguel* — em que os liberaes eram pendurados na forca, degradados, mettidos em horrosas enxovias e perseguidos e roubados por todos os modos.

Ao governo cumpre tomar conhecimento d'estes factos e vigiar de perto a nefasta seita jesuitica que, contras as leis que nos regem, pretende e intenta assolar e desmoronar tudo, instituições, familia e sociedade.

E' uma associação terrivel, devastadora e sanguinaria. Enquanto é tempo debelle o governo o mal que ainda está em principio.

Erga-se da inercia ou da indifferença em que parece jaser, e imite Pombal, Aranda, Tanuci nos tempos passados, e nos modernos, o governo francez que expulsou, a contento de todo o paiz, os filhos de Loyola.

## ARCHEOLOGIA BIBLICA

Com a archeologia anda ligado um elemento importantissimo, que é a chronologia. Os judeus usaram de diversas contagens, durante os diferentes periodos de sua historia. O modo de dividir e nomear as estações nocturnas variou muito, e no tempo de Christo já se seguia a contagem romana em virtude do contacto com este povo, que estava muito adiantado em civilisação. Assim os judeus dividiam, na época do Redemptor, a noite em quatro vigalias, como se póde ver em Jansens, cada uma das quaes durava tres ho-

ras. A 1.<sup>a</sup> vigalia durava das 6 ás 9 da tarde e se chamava vespera; a 2.<sup>a</sup> terminava á meia noite e se chamava meia noite; a 3.<sup>a</sup> durava até ás 3 horas da manhã e se denominava gallicinio (Marc. XIII. 35); a 4.<sup>a</sup> terminava ao nascer do sol e se chamava diliculo. É importante o conhecimento d'esta divisão para bem se poderem comprehender certas passagens da historia do Redemptor.

A semana ou espaço de sete dias é, como dizem os chronologos, o monumento mais antigo dos povos. Recorda o espaço da creação do mundo. Ao ultimo dia se dá o nome de sabbado.

Os pagãos contavam os dias da semana pelos nomes dos deuses mais conhecidos da fabula e assim diziam — *dies solis, dies lunae, dies Mercurii etc.* Ainda hoje alguns povos e principalmente hespanhoes, conservam esta linguagem.

Os hebreus davam a todos os dias da semana o nome de sabbado, distinguindo-os pelos adjectivos ordinarios; *una sabbatorum* é o 1.<sup>o</sup> dia da semana. Sabbado, em absoluto, é o dia por excellencia, o ultimo da semana, o dia sanctificado. A sexta chamavam os hellenistas *parasceve* ou preparação, e os hebreus designavam-a pelo nome de vespera, por se lhe seguir o dia sanctificado.

Os hebreus não tinham só a semana de dias, possuíam tambem a semana d'annos, e a semana das semanas ou quarenta e nove dias, e que durava da Paschoa ao Pentecostes. Era d'aquí que vinha ao Pentecostes o nome de festa hebdomadaria, ou das semanas, como se póde ver no Deutr. XVI. 9 e 10. Ao ultimo anno das semanas d'annos se dava o nome d'anno sabbatico. N'este setimo anno faziam-se as remissões e ficavam as terras de vago. Havia tambem o anno jubileo, que constava de sete annos sabbaticos. Não se descobre na Biblia indicio d'um outro anno, a que se refere Falerio Joulho, e que constava de 12 annos jubilaicos, ou 600 annos lunares. Os annos sabbatico e jubilaico recordam para os judeus momentos historicos de grande saudade e de muito alcance economico, religioso e social. Eram épocas d'affirmação robusta na civilisação do povo escolhido. O anno sabbatico começava no dia 1 do mez de *Tisri*, que corresponde ao actual mez de setembro.

N'este anno era defesa aos hebreus a vinicultura e a agricultura. As dividas de venda ou de mutuo ficavam remettidas, menos as dos pagãos ou gentios. Esta excepção tinha por fundamento um alto motivo de consideração religiosa, tendia á conservação do separatismo entre monotheistas e polytheistas; era ainda por esta razão que Moysés permittia aos judeus o serem usurarios para com os gentios. Era ainda por esta consideração que no anno sabbatico ficavam emancipados os escravos dos hebreus e não os dos forasteiros.

N'este mesmo anno era promulgada a todo o povo a lei, na chamada festa dos tabernaculos. A lei do anno sabbatico era uma medida sabia e de salutares effectos. As terras descansavam, os pobres eram alliviados, conservavam-se as especies d'animaes bravios e promovia-se a parcimonia, por isso que os povos eram obrigados a economisar para este anno. O 1.<sup>o</sup> anno sabbatico foi o 1.<sup>o</sup> de posse de Chanaam. O anno jubilaico foi o 1.<sup>o</sup> semiseculo d'essa posse e cultura. N'este anno além de terem logar os factos do anno sabbatico, voltavam as propriedades aos donos, como nas vendas a retro e por isso se chamava o anno das remissões. (Levit X).

(Conclue).



## CARTAS SOBRE A COMPANHIA DE JESUS

## I

(Continuado do n.º antecedente)

Apesar d'este golpe violento e mortal, não se reconheceram vencidos, não desanimaram. Confiados nos amigos numerosos e na influencia que ainda tinham em Portugal, e sobre tudo na illimitada protecção de Clemente XIII e do Cardeal Torregiani, seu secretario de estado, não perderam a esperanza do triumpho. Nescios que fostes, Rvds. Padres! Não ouvistes que, se o numero dos vossos amigos era grande, maior era o dos vossos inimigos; se Clemente XIII vos amava e protegia, José I vos detestava e perseguia; se Torregiani era omnipotente no animo de Clemente XIII, Pombal tambem o era no de José I: não vistes que estaveis em Portugal e não no Estado Pontificio! A vossa ambição, embotando a vossa proverbial astucia e perspicacia, fez-vos nutrir uma chimera; e continuastes na lucta; mas lucta *estrategica* por meio da imprensa e da diplomacia.

A primeira strategica que empregastes foi a publicação de grande numero de escriptos sediciosos; nos quaes, confundindo machiavelicamente a questão dos jesuitas com os interesses da religião, asseveraveis, que o odio contra vós era uma hostilidade contra a mesma religião; que a vossa queda era precursora da ruina da igreja; e que os desastres da Companhia em Portugal eram o prenuncio infallivel de uma grande guerra de exterminio projectada pela philosophia contra o catholicismo.

Esta strategica, habil sem duvida, mas perigosissima, porque identificava a Companhia de Jesus com a igreja, e que illudiu então muita gente, e ainda hoje illude os *cegos* os que *não querem vêr*, tinha por fim ganhar a opinião publica e, á vista d'ella, fazer Pombal recuar. Mas este, que não era homem que se aterrasse com taes manejos, creou o tão conhecido e severo tribunal da *censura prévia*; o qual tinha por missão, não só inspecionar a impressão de todas as obras novas religiosas e politicas, senão tambem impedir, que os escriptos impressos em paiz estrangeiro, de qualquer natureza que fossem, circulassem no reino sem prévia licença.

A segunda strategica foi embarçar por todos os meios possiveis, a reconciliação entre Roma e Portugal.

Sim, em vista do deploravel estado em que estavam os negocios da Igreja em Portugal, em consequencia do seu rompimento com a Santa Sé, o rei, desde o principio do anno de 1764, desejava reatar as suas relações com o Papa; e alguns passos deu para isso, perante a Santa Sé por intermedio do cardeal patriarcha de Lisboa, e de Pombal seu ministro.

Mas Clemente XIII e Torregiani, influenciados por vós, protelaram extraordinariamente a negociação; affirmaram que chegassem as cousas a tal estado de complicação e perigo, que o governo portuguez se achasse na necessidade de conciliar-se com Roma a *todo o custo*. Sendo que, a base e condicção — *sine qua non* — d'essa reconciliação devia ser o vosso restabelecimento em Portugal; como o referido patriarcha asseverou ao snr. de Simonin, encarregado dos negocios da França na côrte de Lisboa.

Tão estranho pensamento, Rvds. Padres, só podia ser concebido pela vossa mente, cega pelo orgulho, pela ambição e pelo egoismo. Infelizmente Clemente XIII e Torregiani tiveram a simplicidade de acreditar na possibilidade da sua realisação; olvidando que na melindrosa situação em que estavam os negocios, era *grande imprudencia* fazer depender d'essa condicção impossivel o exito de negociações attinentes ao restabelecimento da paz da igreja n'aquelle reino, aliás tão dedicado a Sé Apostolica.

Irritado Pombal por vêr mallogradas, pela vossa influencia, as suas tentativas de reconciliação com a côrte de Roma, e temendo o vosso triumpho, requintou em hostilidades contra vós e contra Clemente XIII, que vos protegia.

Promulgou a lei de 28 de agosto de 1767, a qual, não só vos qualificava de inimigos incorrigiveis de todo o poder temporal, do repouso e vida dos principes christãos, e da paz publica dos Estados; senão tambem declarava réo do crime de *lesa magestade* o jesuita que entrasse em Portugal, e quem quer que favorecesse a sua entrada; exigindo, para este fim, de todos os subditos portuguezes um terrivel juramento.

Pombal foi mais além ainda. Concebeu em seu animo acceso em colera um projecto abominavel, que todo o coração catholico devia execrar: tal foi, unirem-se a França, Hespanha e Portugal em estreita alliança contra Roma; provocarem d'est'arte um schima na igreja; e exigirem, se possivel fôsse, a deposição de Clemente XIII.

Ouçamos o referido snr. de Simonin, que, desejo de acalmar os resentimentos de Pombal, communiçou ao seu governo os impios designios d'este ministro em um despacho, datado de Lisboa a 14 de julho de 1767, dirigido ao duque de Choiseul:

«Não se póde duvidar, snr. duque, que o rei de Portugal deseja mui vivamente restabelecer com Roma a sua antiga correspondencia, e que o conde de Oeyras (é Pombal) tem dado até o presente muitos passos para isso; mas este ministro, pessoalmente offendido pelo cardeal Torregiani, não se tem dirigido a elle, e sim directamente ao Papa, por intermedio do cardeal patriarcha. Este disse-me que, ha mais de um anno tinha uma frequente correspondencia com o Papa. As representações do snr. de Oeyras continham muitas queixas contra o cardeal Torregiani, vendido aos jesuitas; de sorte que o cardeal, ainda mais indisposto por isso, e os jesuitas *interessados em impedir qualquer reconciliação que não tenha por base o seu restabelecimento em Portugal; se hão aproveitado do seu ascendente sobre o espirito do Papa, para tornar, pelo menos, mais difficil e prolongado a conciliação...*

«A' vista do que recentemente me disse o snr. de Oeyras, o seu desejo é, que a França, a Hespanha e Portugal se reunam para exigir do Papa: 1.º a extincção da ordem dos jesuitas: 2.º a nomeação de outro ministro em lugar do cardeal Torregiani, cuja conducta é tão contraria e funesta ao repouso da Igreja e dos Estados Catholicos: e que, no caso de recusa da parte do Papa, as tres potencias reunam um concilio geral, e enviem uma embaixada solemne, não ao Papa, mas á Santa Sé.

«Diz o snr. de Oeyras, que a intenção dos principes, quando concorrem para elevar um Papa á cadeira de S. Pedro, não é collocar n'ella o geral dos jesuitas, o qual é actualmente o seu dono: que não será a primeira vez que se tenha depositado um mau Papa: e



que nunca houve na Igreja maior abuso do que actualmente, nem maior necessidade de reprimil-o, etc.»

Eis como os jesuitas, com o seu orgulho, ambição e imprudencias, provocaram em Portugal (e tambem na França, Hespanha e Italia, como veremos depois), a publicação de leis oppressivas, medidas compressoras, e perseguições contra si, e contra a igreja.

O duque de Choiseul transmittiu immediatamente, a 3 de agosto do mesmo anno, essa noticia á Santa Sé, por intermedio do marquez de Aubeterre, embaixador francez em Roma. Clemente XIII reconheceu então o perigo, a que estavam expostas, em Portugal, a Igreja e a Santa Sé; e para conjurar a tempestade imminente, dirigiu, em data de 30 do referido mez, ao rei de Portugal uma carta no estylo mais pathetico e commovente, com o fim de enternecer o coração do monarcha portuguez, e tentar uma reconciliação.

Mas, como essa carta não continha uma só palavra ácerca do negocio dos jesuitas, que era o — *nó gordio* — da situação, não produziu effeito algum; como consta da resposta de D. José, em data de 5 de dezembro do mesmo anno; na qual, depois de protestar a sua veneração ao Santissimo Padre, declarou-lhe abertamente que os jesuitas, não só foram os *motores* do rompimento entre Portugal e a Santa Sé, senão tambem *fomentavam-n'o e mantinham-n'o ainda*; e concluiu protestando, que se não reconciliaria com a Santa Sé, enquanto a Companhia de Jesus não fôsse definitivamente supprimida.

Não podemos deixar, Rvds. Padres, de referir alguns periodos d'essa celebre resposta do monarcha portuguez, que tão exactamente descreve o vosso character e as vossas façanhas.

Eil-os:

«Não é por minha culpa, que existe uma ordem de religiosos, que tem por objecto a conquista do mundo, por sistema o assassinato dos soberanos e a conspiração dos povos; e que na mesma côrte de Vossa Santidade tem estabelecido o centro do seu governo, para d'ahi maquinar um plano odioso, e armar-me ciladas até dentro de meu proprio palacio.

«Não é por culpa minha, que apparecem tantas *ob e subreções*, mediante as quaes, os chefes d'esta conspiração abominavel téem, até o presente, encontrado na mesma côrte de Vossa Santidade uma protecção escandalosa e uma perfida cooperação, por meio das quaes, continuam a perturbar a paz publica dos meus estados, não só com as suas acções, senão tambem com os seus escriptos publicados em toda a Europa com escandalo universal.

«Fui eu, por ventura, quem deu lugar á insolencia e ousadia com que, contra as pias intenções de Vossa Santidade e pelo modo mais iniquo, hão insultado em Roma a minha auctoridade real na pessoa do meu ministro plenipotenciário; ao ponto de obrigar-o, á força de maus tratos, a abandonar a côrte de Vossa Santidade, quando não lhe foi mais possivel sustentar em Roma a honra de minha corôa?...

«Que culpa tenho eu, de haverem esses inimigos, com tão grande numero de factos e escriptos, me collocado na extrema necessidade, em que presentemente me acho, de sustentar, contra tão odiosas aggressões, a dignidade da magestade que reside em minha pessoa, a honra e os direitos da minha corôa, e a paz publica dos povos, que vivem sob a minha protecção?...

E depois de manifestar respeitosamente as suspei-

tas que nutre, de que essa carta não era de Sua Santidade, e sim escripta n'essa officina de *ob e subreções*, de que acima fallava; acrescenta:

«Devo, entretanto, observar, que a mente esclarecida de Vossa Santidade não pôde ignorar (se tem sciencia do que aqui ha succedido), que o espirito humano não comprehende, como se possa obter o fim, sem empregar os meios necessarios; e na carta de Vossa Santidade nada se encontra que, directa ou indirectamente, possa conseguir o fim da reconciliação: nada que trate do ponto em questão: nada que possa fazer cessar as causas que, em quanto subsistirem, produzirão sempre os mesmos effeitos.

«É para mim um dever de justiça proteger a minha propria dignidade, o meu reino, os meus ministros e os meus fleis subditos, que não posso abandonar aos ultrages dos meus e seus inimigos e por consequencia a citada carta serviu antes de estimulo para aggravar, cada vez mais, os males, do que de remedio para sanal-os, etc.»

Não defendemos Pombal, Rvds. Padres, não approvamos os seus excessos, nem justificamos os seus impios designios, não; o nosso fim foi unicamente provar com documentos officiaes que, em Portugal, não fostes victimas innocentes da perseguição, da incredulidade e do odio de Pombal, como vos enculcais para embair os nescios e incautos: que fostes victimas criminosas da vossa ambição, dos vossos desatinos e do escandalosissimo abuso da vossa missão: que a vossa ruina n'aquelle paiz foi por vós mesmos provocada e que a terieis certamente evitado, se renunciásseis essa influencia e poder temporal absolutamente incompativel com a vossa missão; se deixásseis de ser commerciantes e politicos; se vos submettesseis humildemente, como devieis, ás reformas de que tanto carecieis, que José I exigia, e que Benedicto XIV auctorisara; se, n'uma palavra, *desseis a Cesar o que era de Cesar, e a Deus o que era de Deus*.

Cesar respeitou o vosso instituto; apenas exigiu de vós, que vivesseis de conformidade com elle; que fosseis religiosos, como eram os outros; e que lhes restituísseis o poder temporal, que lhe haviéis usurpado: não quizestes; e Cesar vol-o tomou á força. Conspirastes contra Cesar, e lhe dissestes — *Sint ut sint, aut non sint*—*Continuaremos a existir como estamos, ou deixaremos de existir*; e Cesar respondeu-vos—*Non sint*—*Deixareis de existir*. Quizestes supplantar e vencer Cesar; fostes supplantados e vencidos. Quizestes tudo, ou nada; perdestes tudo!

De que vos queixaes, pois, Rvds. Padres? Quem foi a causa da vossa ruina em Portugal? A historia responde: — Vós, sómente vós.

---

## NOTICIARIO

---

### O ROMANISMO E OS CABELLOS

Alguns jornaes italianos referem a historia de um padre, parochio de uma freguezia visinha de Treviso, o qual, querendo dotar a sua egreja com um novo altar-mór, recorreu ao seguinte processo:

Subindo ao pulpito e assumindo certos ares de melancolia inspirada, descreveu as suppostas perseguições da egreja, na França e na Belgica, e concluiu pela imminencia de perigos identicos para os catholicos ita-



lianos, se a colera divina não fôsse applicada por certos sacrificios, nomeadamente pela construcção de um novo altar na freguezia de Montaner.

«Não temos dinheiro, me direis vós. Assim será. Mas as mulheres, ao menos, têm os seus cabelos, e podem portanto concorrer perfeitamente com essa esmola, privando-se d'um mero enfeite.»

Dito e feito.

Duzentas e doze cabeças femininas sujeitam-se immediatamente ás piedosas tesouras do párocho, e hoje duzentos e doze lenços cobrem as cabeças mais que japonezas d'essas fanaticas, resultando em favor da obra santa, mil e quinhentos francos.

Dispensam-se os commentarios.

Note-se apenas que o facto é rigorosamente authenticico.

### OS FILHOS DE SANTO IGNACIO EM HESPAHIA

Dizem de Madrid, que é tão consideravel o numero de jesuitas francezes que chegaram a Tortusa, na Catalunha, que tiveram de se alojar em casas particulares, por não caberem já nos conventos.

Vejam que bando de corvos pairou sobre aquella infeliz terra! Decididamente, quando não possamos pôr a todos os seus habitantes os intestinos ao sol e cevar n'elles a sua ferocidade daminha, hão-de com certeza conseguir embarrilar-lhes as fortunas, as crenças, a honra das familias e as suas proprias.

### PEREGRINAÇÕES

Lê-se no excellente diário portuense, a *Voz do Povo*, de 28 do mez passado:

«Decididamente, o mundo marcha e a nossa civilização caminha a passos de gigante, a olhos vistos, na celeridade espantosa de uma locomotiva que galga kilometros e kilometros por segundo.

Não ha que duvidar; a multiplicidade das nossas aspirações promete attingir em breve o acume da perfectibilidade humana; e a felicidade da nossa existencia, no emmaranhado dos innumerables problemas scientificos e sociologicos que a demandam, caminha para o *assucar em ponto* desejado.

Tinhamos já hospitaes estabelecidos por umas *devotas* mulheres, onde a panacéa enferma encontrava na agua de Lourdes uma cura milagrosa, sobrenatural. Vamos ter peregrinações devotas á Virgem d'aquella denominação, que se promettem, com o exemplo dos sacrificios que exhibirem, regenerar e converter as proprias pedras que pisamos, nós, os herejes, ou impios, os descrentes d'estes tempos de perseguições e jejuns.

Consta que uma grande turba de mulheres de S. Cosme, Valbom e povoações immediatas, prepara uma peregrinação, que se effectuará brevemente, á imagem de Nossa Senhora de Lourdes, imagem que por devoção particular se venera em um altar da igreja de S. Bento da Victoria.

A romagem terá toda a solemnidade e todo o aparato que possam introduzir-lhe os fanaticos que a promovem. Mulheres haverá que, segundo nos affirmaram, farão a romaria de joelhos, no cumprimento de promessas feitas; outras exhibirão petulantemente as suas cabeças rapadas á navalha, e mostrarão em sal-

vas as tranças grossas de seu cabello mutilado, as quaes offertarão á Virgem; e todas apparentarão umas composturas seraphicas, olhos no chão, labios cerrados, pés descalços e braços cruzados sobre os largos seios nas atitudes hypocritas de beatas que osculam o pó dos templos com a humildade do rafeiro.

O' Deus clemente e justo, que fizestes do vosso latego?»

### CA' ESTÃO!

Diz a *Lucta*, de 22 do mez passado:

Chegaram hontem ao Porto alguns *cascaes* de... jesuitas, gordos, anafados, nedios! Dizemos alguns *cascaes* porque com seis reverendissimos que vimos entrar para o hotel de Pariz, vinham tambem quatro reverendissimas. A cousa não passa da *ordem natural*, mas o receio de que se alargue a casta é justificado.

Isso á parte, o que importa é vigiar o proposito dos sujeitos. Dizem-nos que são dezenove os que desembarcaram hontem na estação do Pinheiro, e ninguém pôde dizer que nos entrasse boa fazenda pelas portas a dentro. Alerta, portanto.

Do governo nada ha a esperar: nem prevenção nem repressão. Bem vêem a sua imprensa a encobrir os roupetas, e quando não pôde encobril-os desata a defendel-os. E' preciso pois que os liberaes vigiem. A liberdade é o cumprimento da lei, e a lei não permite congregações religiosas. E' mister que isto se cumpra á risca, e que por modo algum se deixe sophismar.

A auctoridade ecclesiastica não deve consentir-lhes o exercicio da prédica nem o do confissionario. A auctoridade civil deve impedir que se congreguem sob qualquer pretexto, e que actuem directa ou indirectamente no ensino do povo. Os cidadãos que defendam as suas casas, as suas mulheres, os seus filhos. Cruzada geral e energica. Olhem que elles trabalham nas trevas e não desprezam meio algum.

A'lerta, pois.»

### SUPERSTIÇÕES

Eis-aqui o que se passa na Baixa-Bretanha, aonde as superstições catholicas excedem muitissimo as superstições pagãs:

«S. João cura as dores de cabeça; S. Lourenço os reumatismos; S. Herbot faz levedar o pão; S. Honório dá aos peitos das mães leite para amamentarem os filhos; S. Columbano cura os loucos; S. Felisberto os males do coração; S. Roque o cholera; S. Miguel a hydrophobia; S. Cornelio as ovelhas; Santa Genoveva as mulheres estereis; S. Eloy os cavallos; S. Huberto os porcos etc.

A cura, porém, não se obtem de graça; para obter o remedio é preciso dinheiro.»

Por cá tambem ha muito d'isto, com o que folgavam os padres.

Quando abrirá o povo os olhos? Quando se convencerá de que a religião que lhe ensinam é uma burla?

Quando se emancipar da tutella e da escravidão da Igreja romana.



## OS JESUITAS

Com o titulo que nos serve de epigraphe, recebemos um opusculo do distincto escriptor, o snr. Silva Pinto, tam vantajosamente conhecido no mundo das letras pela sua não vulgar illustração.

Com a publicação do presente opusculo prestou o energico escriptor não pequeno serviço ao seu paiz, n'estes tempos, em que o terrivel cancro do jesuitismo, expulso de França, procura roer, aluir e demmonorar os principios mais salutaes da sociedade portugueza, pervertindo e destruindo a familia.

O snr. Silva Pinto com a sua penna energica e vigorosa combate formidavelmente este mal na sua origem, nos seus venenosos principios, nas suas dissolventes theorias.

Agradecemos o exemplar com que foi honrada esta redacção.

## HERVA DE LOURDES

N'uma das capellas proximas do retabulo da Senhora, lê-se este aviso benevolente: «Bebi da agua que corre da gruta, e comi a herva que perto d'ella cresce.»

A agua concordamos que os peregrinos bebam porque deve ser fresca e limpidissima, e agrada sempre um copo apoz uma ascenção até aos pinaros da gruta, mas a herva! Emfim, quem fez o aviso tinha decerto ponderosas razões que o impelliam a formular tal convite.

## DOUS ANJOS CAHIDOS DO CÊO

Disem de Guimarães que no dia 17 logo de manhã se espalhou na cidade uma nova que alvorçou meio mundo. Dizia-se nada menos, que dois anjos, em forma de duas formosissimas creanças, haviam descido das celicas regiões para virem habitar este vale de lagrimas escolhendo para seu uso o logar de Matos. Havia até quem asseverasse ter falla com esses anjos que—diziam—trajavam alvas roupagens, trazendo um d'elles uma bandeira alva tambem, e affirmasse com a teimosia d'um convite que elles eram enviados de Deus para, com seu exemplo, nos levarem á penitencia e oração.

Todos corriam ao logar indicado, querendo cada um convencer-se por si da veracidade do facto; e, desde a manhã até ao descair da tarde, foi uma verdadeira procissão da cidade para a *novo edem*.

Mas... ninguem via os anjos!

Ou por que fosse sexta-feira — dia aziago—ou porque nenhum *romeiro* estivesse em graça, o certo é que ninguem lograva ver mais que a *habitação* dos formosos cherubins.

Nem mesmo a policia conseguiu pôr-lhe a vista em cima.

Afinal appareceram dois entes privilegiados que mereceram de Deus a graça especial de desencantarem os tão decantados anjos.

Um criado e o feitor da casa de Villa Pouca, que demora proxim ao logar, dirigiram-se alli atraídos tambem pela curiosidade: e, ao passarem junto de uma mina, viram duas louras cabeças escoando-se por entre o silvedo para dentro d'ella. Foram em seu se-

guimento agarraram—lá desaparece o sobrenatural—duas creanças filhas d'esta terra!!

Mas desaparecendo o sobrenatural, não desapareceu todavia o motivo para a admiração, pois interrogadas as creanças, soube-se que eram levadas ali pela sua vocação para as coisas religiosas, vocação que na verdade surprehende attento a tenra idade pois teem apenas de oito a nove annos.

Diz-se tambem que estas creanças haviam fugido de casa de seus paes, e andavam por montes e vales. Nós vamos jurar que andou n'isto pensamento de padre.

## FANATISMO E LOUCURA

N'um hospital de alienados de França fez-se ha pouco a seguinte curiosa estatistica:

Entre os casos de loucura, infelizmente numerosos, notam-se: 120 por infortunios, 25 por desgostos amorosos, 13 por zelos, 11 por encarceração, 7 por remorsos, 52 por sedução e—notem bem—185 por exaltação religiosa.

Digam ainda, á face d'isto, que somos maus em chamar para estes casos a attenção do povo.

## MARIA CHULA E A VIRGEM MARIA

O tempo parece que vai de molde a carolice. Ahi vai mais uma relação de um caso sobrenatural, que transmittem de Agueda. E' uma facecia. A apparição não deixará comtudo de achar fóros de possibilidade nos toutiços dos carolas fanatisados.

O caso deu-se há dias, na quinta chamada dos Russos nos arredores d'aquella villa.

Andava alli Maria Chula, solteira, do logar de Paredes, a trabalhar na companhia d'outras mulheres e perto estava brincando uma sua filha, creança de 8 annos de idade. De repente esta interrompe os seus brinquedos e toda agitada dirige-se para a mãe e apontando para um pinhal proximo diz-lhe:

—Olhe, minha mãe, que está acolá a Nossa Senhora, tão linda, como nunca vi com uma corôa na cabeça, de manto e cinto e com as mãos erguidas!

A mãe e os demais circunstantes olham mui attentamente e nada veem, mas a creança continua a insistir e esta insistencia enche a todos d'um santo temor.

Lembram-se logo de ajoelharem e de renderem a Deus fervorosas graças pelo milagroso apparecimento.

No entanto do meio do grupo surge uma voz animosa e diz:—Tiremo-nos de duvida e vamos ao sitio aonde se afigura á menina estar a Nossa Senhora!

E foram e examinaram tudo, mas... Oh! dolorosa decepção!... Não encontraram senão... o tronco velho e carcomido d'uma pobre oliveira.

A visão sumira-se e nem d'ella dava já fé a propria creança!

## TRISTE! MUITO TRISTE!

Verificou-se nos dias 7, 8 e 9 do mez passado em Lamego, a festa annual á *Senhora dos Remedios*. (!!)

A totalidade das offertas foi de 1:219\$180 reis!!!

E no entanto, que de miseria existe em Lamego, como em toda a parte!



Em que estado de atrazamento está o povo português, o povo que vae á custa de muitas provações e fadigas, levar aos templos catholicos dinheiro para os padres!

Triste, muito triste!

### IRMÃS HOSPITALEIRAS

No collegio estabelecido na rua da Paz, casa n.º 6, dirigido pela irmã hospitaleira Maria do Lado, commetteu-se no dia 17 do mez passado a seguinte violencia que revolta até á indignação, e que vamos fazer publico, para as familias desviarem os filhos d'esses boqueirões do vicio, que a coberto da tolerancia se vão multiplicando com manifesto prejuizo da pobre innocencia que, como pomba descuidosa, se aproxima d'elles pelo fanatismo ou ignorancia dos paes.

Eis o caso:

Uma creança de 6 annos de idade, de nome Rita, filha de Lourenço da Villa Portella, morador na travessa do Outeiro, depois de a despirem com gestos brutos, ataram-lhe as mãos, e amarraram-n'a a uma mesa, infligindo em seguida maus tratos á innocente.

A creança em virtude de tal crueldade, gritou, e as mestras animadas do mais santo zelo... *loyolano*, irritaram-se e redrobaram de crueldade, continuando a espancar a infeliz menina, que a não ser o soccorro dos visinhos, estaria a estas horas caminho do cemiterio.

O facto deu-se e foi comprovado por muitas pessoas de credito; mas é provavel que a tal snr.ª Maria do Lado tenha amanhã um defensor, que venha á imprensa para honra da *egrejinha!*

O caso que acabamos tem infelizmente congeneres; e ainda ha pouco sahio n'este periodico uma noticia que dizia respeito ás crueldades infligidas pelas irmãs hospitaleiras da rua da Sovela—a uma creança n'um quarto durante a noite toda, sem luz, sem agasalhado e sem alimento.

E' necessario extirpar tam grande cancro para bem da familia, honra da sociedade e lustre da religião. E' necessario que a policia á semelhança d'uma commissão sanitaria, penetre n'esses antros onde se atropia a creança roubando-a aos affagos da familia para a manejarem assim mais facilmente em proveito da propaganda reaccionaria, que vae medrando á sombra da tolerancia descuidosa.

E' necessario que a auctoridade castigue severamente taes delitos praticados á sombra da religião, sem attender á protecção de fidalgas beatas e mulheres ociosas que passam a vida a beijar o chão do templo, esquecidas da sua obrigação cazeira, tornando-se verdadeiramente inuteis á familia e á sociedade.

### LIVRO RARO

A copia original que da *Vulgata* fez Martim Lutero, e da qual traduziu a Biblia para allemão durante a sua residencia em Funke-Forg (1521-22), foi descoberta agora n'uma humilde aldeia da Bohemia. O doutor Ritter von Sedmiborsky assegura que tem em seu poder essa cópia tão procurada por professores, canonistas e bibliographos allemães.

A margem das folhas da edição latina está coberta de notas escriptas por Lutero, e os jornaes bohemos

annunciam que o precioso volume esteve archivado durante largos annos na real bibliotheca da Saxonia, d'onde foi parar ás mãos do celebre poeta Franz Hzedý.

## OFFICIOS DIVINOS

PORTO—Largo do Coronel Pacheco—Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 da tarde. Todas as quintas-feiras ás 6 1/2 horas da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

Oração todos os sabbados, ás 6 1/2 horas da noite.

N'esta Igreja ha aulas diarias gratuitas para alumnos de ambos os sexos.

Rua de Malmerendas, 102 — Todas as quartas-feiras ás 6 1/2 horas da noite, e todos os domingos ás 4 da tarde.

VILLA NOVA DE GAYA—Igreja Lusitana Episcopal Reformada—Logar do Torne, ao pé do tunel — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA — Igreja presbyteriana, rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart.—Todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

No mesmo edificio, Igreja Presbyteriana Portuguesa, o Rev.º Manoel Antonio de Menezes.—Culto e pregação do Evangelho todos os domingos ás 9 1/2 horas da manhã e 4 da tarde e todas as quintas-feiras ás 7 horas da noite.

Aula biblica todos os domingos ás 3 horas da tarde. Oração todos os sabbados ás 7 horas da noite. Eschola dominical todos os domingos ás 10 horas da manhã.

Na calçada do Cascão, 5, 2.º, todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras ás 7 da tarde. Aula biblica todos os domingos ás 10 da manhã. Oração todos os sabbados, ás 8 horas da noite. Estudo sobre a Sagrada Escripura, todas as terças-feiras, á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada—Congregação de S. Pedro, rua da Conceição á Praça das Flores n.º 14. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 7 da tarde, e todas as quintas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada—Congregação de Jesus, rua de S. Marçal. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 7 da tarde, e todas as quartas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada—Congregação de S. Paulo, rua dos Cordoeiros n.º 41. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 7 da tarde, todas as quintas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada, Congregação da Santissima Trindade, Rio de Mouro. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 4 da tarde, todas as quintas-feiras ás 7 da tarde.



## ANNUNCIOS

## PADRE GUILHERME DIAS

Resposta á Pastoral do Bispo do Porto.

Preço..... 200 reis

Confissão (Ensaio Dogmatico Historico).

Preço..... 300 reis

Sermão recitado na inauguração da igreja evangelica do Porto.

Preço..... 120 reis

À venda na igreja do largo do Coronel Pacheco.

## DEPOSITOS DE TRATADOS E LIVROS

DEPOSITO, JANELLAS VERDES N.º 4

## OBRAS PUBLICADAS

- Lucilia, ou a inspiração das escripturas, 324 pag.—100 reis.  
 Preservativo contra Roma, 128 pag.—50 reis.  
 A Joven Aldeana, 48 pag.—40 reis.  
 Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag.—20 reis.  
 Não se deve mudar de religião, 16 pag.—10 reis.  
 Errie, o criado russo, 16 pag.—10 reis.  
 O amigo da casa, 32 pag.—20 reis.  
 O amigo dos peccadores, 48 pag.—40 reis.  
 O livro dos livros, 56 pag.—40 reis.  
 Um homem que matava os seus visinhos. 23 pag.—30 reis.  
 Uma antigualha, 16 pag.—20 reis.  
 André Dunn, 77 pag.—40 reis.  
 Hymnos portuguezes, (1 vol. encadernado), 215 pag.—40 e 50 reis.  
 Devocionarios, 30 pag.—20 reis.  
 Evidencias do Christianismo, 76 pag.—50 reis.  
 Como devemos entender a Biblia Sagrada, 15 pag.—10 reis.  
 O menino da matta, 32 pag.—30 reis.  
 Jessica, 43 pag.—40 reis.  
 O Padre Jacintho, 16 pag.—10 reis.  
 A doutrina da Igreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag.—50 reis.  
 Biographia de Martin Boos, 188 pag.—80 reis.  
 Sou christão? como o posso saber? 92 pag.—60 reis.  
 O que é um sacramento? 44 pag.—30 reis.  
 O culto domestico, 48 pag.—20 reis.  
 Um homem que abalou o mundo, 80 pag.—15 reis.  
 Luz do Céu, 126 pag.—60 reis.  
 O que crêem os protestantes, 24 pag.—15 reis.  
 Como lês tu? 40 pag.—30 reis.  
 O culto publico.—O domingo, 20 pag.—20 reis.  
 O vigario de Christo.—O Calvario, 22 pag.—20 reis.  
 A Chamada.—A folha ensanguentada, 24 pag.—20 reis.  
 Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag.—20 reis.  
 Um livro maravilhoso, 22 pag.—10 reis.  
 O amor de Deus, 8 pag.—10 reis.

Os dois Guilhermes, 29 pag.—20 reis.

Trinta livrinhos, cada um, 7 pag.—5 reis.

Caminho de Deus para a paz, 150 pag.—50 reis.

«O Amigo da Infancia» sae cada mez; por numero 10 reis, (com lindas gravuras) e em volumes encadernados dos dois ultimos annos a 300 reis cada um.

Um sortimento de livros em inglez, a varios preços. Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia a varios preços.

Do valor de 100 reis, para cima, expedem-se estas publicações, franco de porte.

## Depositos onde se acham á venda as Sagradas Escripuras

LISBOA—Janellas Verdes n.º 28.

PORTO—Egreja Evangelica, Largo do Coronel Pacheco.

MADEIRA—Rua das Pretas, 72.

N'estes depositos encontram-se as sagradas Escripuras em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes, Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo—500 reis.

Idem, traducção de Almeida—500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo—100 reis.

Idem, traducção de Almeida—100 reis.

Psalms, traducção de Almeida—50 reis.

Evangelhos, traducção de Almeida—20 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros com ricas encadernações, que se vendem por diversos preços.

REFORMA

(FOLHA QUINZENAL)

## REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

LARGO DO CORONEL PACHECO

CAPELLA EVANGELICA

PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.

Custo d'assignatura—(paga adiantada). Anno 480 semestre 240 reis; para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º, 2.º e 3.º anno: para a cidade custa cada uma 480 reis, e para as provincias, 500.

São agentes da REFORMA, em Lisboa os ill.<sup>mos</sup> srs Manoel dos Santos Carvalho, calçada do Cascão, 5—2—José Gregorio Baudonin—rua do Sacramento á Pampulha, 42, 2.º—Alexandre José Alves, rua de S. Bernardo 23, loja de mercearia.

EDITOR RESPONSÁVEL—G. P. DIAS DA CUNHA

Porto—Typ. Occidental, Rua da Fabrica, 66.